

Vozes femininas da Guerra

O antagonismo do noticiário de duas brasileiras na Segunda Guerra Mundial

*Alvaro Luiz dos Santos Alves**

Apresentação

Nosso artigo, que ainda se encontra em fase exploratória, haja vista a complexidade da vida dos envolvidos, é um exercício de compreender e trazer à luz o que foi o trabalho dos correspondentes de guerra durante a Segunda Guerra Mundial, em especial o trabalho desenvolvido por duas brasileiras, Silvia de Arruda Botelho Bitencourt, conhecida pelo pseudônimo de “Majoy”, e de Margarida Hirschmann, duas mulheres com histórias bem diferentes, que participaram de lados opostos da Segunda Guerra Mundial e servindo a interesses diversos e controversos. Nosso trabalho se apoia nos resultados obtidos após a pesquisa em boletins do Exército, relatórios do ministro da Guerra, acervos particulares, acervos do Judiciário, da Associação Brasileira de Imprensa, manuais do Exército Americano e Brasileiro e revistas diversas, sobre a vida dessas correspondentes.

Durante a Segunda Guerra Mundial, foram enviados diversos correspondentes de guerra para que realizassem trabalhos

jornalísticos visando mostrar ao público o ambiente de guerra. Os jornais brasileiros Diário Carioca, Correio da Manhã, Diários Associados, O Globo, Agência Nacional e o Jornal do Brasil destacaram vários repórteres para a nobre função; dentre eles, podemos destacar: pelo Diário Carioca, Rubem Braga; pelo Jornal do Brasil, Alberto Abranches; pelo Correio da Manhã, Rui Brandão; pelo Globo, Egídio Squéf; pelos Diários Associados, Joel Silveira e José Barros Leite, e, pela Agência Nacional, Tharsilo Nike e Horácio Sobrinho. Não podemos excluir deste rol de correspondentes de guerra Francis Hallawell, da BBC de Londres, que era chamado “Chico da BBC”, e também de Silvia de Arruda Botelho Bitencourt, conhecida pelo pseudônimo de “Majoy”, que trabalhou para o jornal americano United Press.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) agregou os correspondentes, que, após o desembarque na Itália, ficaram na cidade Pistoia. Pelos correspondentes

* Subten Cav do Exército Brasileiro, graduado em História (Faculdades Simonsen/05), mestre em História (UNIVERSO/18), membro do IGHMB, membro da AHMITB, pesquisador associado do CEPHiMEX. Atualmente, é pesquisador e historiador do Arquivo Histórico do Exército Brasileiro.

foram produzidas várias reportagens de cunho informativo, e podemos verificar algumas delas nos arquivos dos jornais da época, em acervos de associações de ex-combatentes espalhadas pelo Brasil, em arquivos da Associação Brasileira de Imprensa e no Arquivo Histórico do Exército.

As experiências destes correspondentes foram eternizadas em alguns livros, tais como: *Crônicas de Guerra na Itália*, do correspondente Rubem Braga; *O rádio na Segunda Guerra Mundial*, de Rose Esquenazi; *Scatoletas da Itália*, de Francis Hallawell; *Expedicionários na Itália*, de Amador Cysneiros; *Histórias de pracinha: oito meses com a Força Expedicionária Brasileira*, de Joel Silveira, e outros

É importante frisar que o Arquivo Histórico do Exército possui, em seu acervo, um vasto material sobre o tema, que, se for bem garimpado, poderá contribuir sobremaneira para formatação de ideias sobre o tema. Podemos destacar as caixetas nº 165 e 169, nas quais podemos verificar cópias de relatos dos correspondentes Joel Silveira, José César Borba, Egydio Squeff, Rubem Braga e Rui Brandão.

Um outro acervo interessante sobre a FEB, que também se encontra sob a guarda do Arquivo Histórico do Exército e que pode contribuir com a pesquisa, é o referente aos manuais. Este acervo foi verificado e nele levantado um dado importante, na caixa 32 FEB encontramos um Manual de Campanha de nome C-30-26 – Manu-

al de Campanha – Informações – Instrução para os Correspondentes de Guerra junto às Forças do Exército e Campanha – 1948, que nos chamou bastante a atenção. Sabemos que a FEB utilizou diversos equipamentos do Exército Americano e que também utilizou muitos destes manuais, entre eles o FM 30-26 – Basic Field Manual – Regulations for Correspondents accompanying U. S. Army Forces in the Field. A estas espécies documentais dedicaremos outro item para análise. Dentro deste contexto de buscas ao acervo sobre os correspondentes, podemos observar que os arquivos podem ser um lugar de memória e de história, sendo preferencialmente um lugar de memória. É memória enquanto o documento repousa em caixetas e caixas pelas estantes da instituição, formando uma memória objetivada e não dependente da origem de produção ou dos agentes envolvidos. Esses semióforos,¹ postos a serviço dos interesses da pesquisa, são objetos da história e, com toda a certeza, trazem uma contribuição ímpar para o progresso das nações. Dentro desta perspectiva, é de extrema importância a democratização destes repositórios documentais, principalmente no que tange à documentação referente aos correspondentes de guerra, pois os mesmos prestaram um relevante serviço à Pátria ao partirem para os campos da Itália com o intuito de relatar o dia a dia de nossos “pracinhas” e das tropas envolvidas naquele penoso conflito.

Manual de campanha FM 30-26: uma análise necessária

Como já relatamos, o Brasil utilizou diversos equipamentos americanos durante a Segunda Guerra Mundial e não foi diferente em relação à doutrina militar. Vários manuais de campanha do Exército Americano foram traduzidos para o português e utilizados por nossas tropas na Itália. A exemplo destes, temos em pauta os relativos aos nossos correspondentes de guerra. Durante a guerra, nossas tropas usaram para regular a atividade dos correspondentes o Manual de Campanha FM 30-26 – Basic Field Manual – Regulations for Correspondents accompanying U. S. Army Forces in the Field que, em sua tradução, era conhecido como: FM 30-26 – Manual Básico de Campanha – Regulamento para os correspondentes acreditados junto às Forças do Exército dos Estados Unidos em Campanha – 21 de janeiro de 1942. Nota-se que sua edição é do ano de 1942. O Brasil utilizou o referido manual traduzido até o ano de 1948, quando foi editado pelo Ministério da Guerra o C-30-26 - Manual de Campanha – Informações – Instrução para os Correspondentes de Guerra junto às Forças do Exército e Campanha – 1948. Este manual não sofreu mudanças significativas, até mesmo porque o mesmo já havia sido testado em situações de combate, o que lhe dava a seguridade de sua aplicação em contextos bélicos.

Logo em suas generalidades, o manual americano reconhecia o importante trabalho dos correspondentes:

O Exército Americano reconhece que os correspondentes desempenham uma indubitável função pública na difusão de notícias relacionadas com as operações do mesmo, em tempo de guerra. Os correspondentes que acompanham as tropas, em campanha, ocupam uma ambígua e delicada posição, tendo de fazer revelações verdadeiras, ao povo, sobre fatos relacionados com as operações do Exército e, ao mesmo tempo, abster-se de revelar aquelas que, apesar de verdadeiras, seriam desastrosas para nós, se conhecidas do inimigo. É indubitável que esta importante função só pode ser propriamente desempenhada sob regras e regulamentos razoáveis.

Nota-se, nesta introdução genérica, que há uma certa imposição do controle por parte do Exército dos Estados Unidos em relação aos correspondentes e ao que os mesmos publicariam em seus folhetins. Não era diferente no caso dos brasileiros: já a DIP exercia um controle acirrado sob o que seria publicado.

No item 3 do FM 30-26, que versa sobre a situação dos correspondentes, observamos que os mesmos “sem estarem no serviço militar, estão sujeitos às leis militares e ficam sob controle do comandante da força que eles acompanhem” (FM-3026US Army Force). O item 3 numera várias prerrogativas do correspondente de guerra. Uma outra que mereceu nosso destaque é a que disciplina a fato de não andar armado por parte dos correspondentes, como podemos ver a seguir:

Os correspondentes não exercem comando, não têm autoridade sobre o pessoal militar, nem tão pouco poderão andar armados. Estão sob as mesmas leis que os militares com relação à prestação de contas, submissão às ordens em vigor e ao dever de se conduzirem com dignidade e decoro.

Um correspondente torna-se sujeito às leis militares desde o momento em que começa a acompanhar as tropas, ou pessoal que está em serviço ativo. Isto, geralmente, se dará após sua apresentação à força de campanha junto à qual foi acreditado, mas pode começar antes, se ele viaja em transporte do governo.³

Embora não fossem militares e não pudessem andar armados, os correspondentes estavam sujeitos a todo tempo à disciplina militar, até mesmo trajavam uniformes de oficiais sem as insígnias de graduação, arma ou serviço.

Outro item importante e que deve ser analisado neste manual é o que versa sobre o arquivo de documentos produzidos. Todos os documentos passavam pelo oficial de informações e podiam sofrer censura. Este item, além dos outros foi estabelecido pelo Exército Brasileiro nos moldes do Exército Americano, como podemos ver a seguir:

Todos os despachos serão entregues em duplicata ao oficial de informações ou seu auxiliar, para censura, antes de arquivado ou expedido. No processo de censura, nenhuma alteração será feita

pelo censor, nos despachos, exceto apagar o que não pode ser dito. Os correspondentes, a menos que a ocasião seja extraordinária, terão permissão para ver seus despachos depois de censurados, no caso de desejarem fazer uma revisão, ou para cientificarem do que é proibido, a fim de evitá-lo futuramente ou para reconstituir o número de palavras para a taxa telegráfica.

Uma cópia deve ser submetida ao censor sobre todas as entrevistas ou noticiários radiofônicos.⁴

O próprio manual, em suas generalidades, alertou sobre este assunto, quando revela o cuidado que deve ser tomado pelos correspondentes ao transmitirem notícias que poderiam ser prejudiciais aos objetivos do Exército. O manual discorre sobre vários pontos relativos a censura e delimita todos.

Encerrando esta sumária análise do FM 30-26, cabe-nos analisar o item referente à disciplina ligada aos correspondentes. Este item possui três pontos. Um é referente à cassação de privilégios, caso sejam modificados despachos para publicação com o intuito de enganar o censor, pelo uso de palavras encobrindo seu real sentido. Outro ponto é o que se refere à presença do inimigo; neste caso, o correspondente não arriscará a segurança da tropa e nem comprometerá a manobra em curso. Finalmente no último ponto, novamente a questão disciplinar entra em voga, pois se refere à violação intencional de qualquer dos preceitos disciplinares, podendo esta violação

ser punida com deportação ou julgamento por corte marcial.

O manual FM 30-26, como já aqui lembrado, foi utilizado por nossas forças, embora fosse americano. O mesmo é uma tradução autorizada e possivelmente tenha sofrido adaptações por parte do Comando brasileiro no decorrer da guerra, mas a sua forma original foi respeitada com as adequações permitidas.

Sylvia de Arruda Botelho Bitencourt “Majoy”: uma mulher de que século?

O Prêmio Maria Moors Cabot⁵ é um prêmio anual da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia nos Estados Unidos. O referido prêmio é considerado a mais alta distinção internacional do setor jornalístico. Talentosos e eminentes jornalistas já receberam o prêmio, entre estes, a jornalista brasileira Sylvia de Arruda Botelho Bitencourt. Conhecida como “Majoy”, foi a primeira mulher a receber o prêmio. Sylvia Bitencourt participou da cobertura jornalística da FEB na Itália. No momento em que nossos primeiros correspondentes de guerra chegaram à Itália, Sylvia já estava em atuação. Nesta ocasião, a mesma escrevia para a United Press International (UPI), uma agência de notícias internacional dos Estados Unidos.

Sylvia Bitencourt teve pouco contato com a FEB, pois os procedimentos de cobertura da United Press eram diferentes dos procedimentos adotados por jornais brasileiros. A UPI não deixou fixo um re-

pórter e nem estabeleceu funções específicas para eles. Os correspondentes da UPI faziam uma cobertura de modo mais amplo, utilizando reportagens por todo teatro de operações da Itália.

Sylvia Bitencourt era esposa de Paulo Bitencourt, diretor do jornal Correio da Manhã, que era de sua família. Este jornal designou como correspondente de guerra Rui Brandão. Não foram encontrados documentos oficiais por parte da FEB que fizessem qualquer registro sobre “Majoy”. Acreditamos que tal fato possa ser justificado pela situação particular da jornalista que prestava serviço para o lado americano e de não haver a necessidade de se documentar isso em nossos relatórios.

Após a guerra, Sylvia continuou seu trabalho como jornalista no Brasil, vindo a falecer em janeiro de 1995 no Rio de Janeiro. Há pouquíssimos relatos sobre a atuação da mesma em documentos e jornais; até mesmo os arquivos da Associação Brasileira de Imprensa pouco têm sobre a personagem.

Margarida Hirschmann a serviço da agência de propaganda alemã: culpada ou inocente?

A americana de origem japonesa Iva Toguri, no final da Segunda Guerra, ficou conhecida como a “Rosa de Tóquio”. A rendição das tropas já havia sido assinada, o Japão ainda enfrentava os aliados e, pelo rádio, uma mulher que falava inglês fluente conclamava os soldados americanos a deixarem o serviço militar sem licença,

ou seja, a desertarem. A mesma transmitia mensagens falsas, tais como batalhas que haviam sido vencidas pelos japoneses e que, na verdade, não haviam acontecido e sobre a derrota dos aliados na guerra. A abrangência da interlocutora foi tão grande que as transmissões da BBC de Londres foram invadidas pela rádio japonesa.

Próximo ao famoso Lago de Como na Itália, surgia uma voz brasileira no “Programa Auri Verde”. Era a voz de Margarida Hirschmann, uma brasileira filha de pais alemães, natural de São Paulo. A mesma foi acusada de ser empregada pela Agência de Propaganda Alemã para fazer irradiações às tropas Brasileiras. Estas mensagens eram de cunho desmoralizante e propagandista alemão. Margarida era conhecida como a nossa “Rosa de Tóquio” brasileira.

Margarida lia anúncios dos números musicais que eram tocados na “Rádio Auriverde”, programa que era dirigido às tropas brasileiras. Ela também lia anúncios sobre prisioneiros de guerra brasileiros, além de outras notícias de interesse das tropas. Ela apresenta-se como datilógrafa e tradutora. O programa brasileiro contava também com um alemão que passou muito tempo no Brasil e com outro brasileiro além de Margarida. Na mesma estação de rádio, encontrava-se Rita Zucca, conhecida como “Axis Sally”, que dirigia um programa parecido, só que destinado às tropas americanas.

Margarida Hirschmann foi para Munique em 1939 com seus genitores, pois seu pai iria realizar tratamento de saúde na

Alemanha; uma irmã e um irmão ficaram no Brasil. De 1942 a 1943, Margarida foi empregada como secretária no Hans der Deutschen Kunst, em Munique. Realizou traduções para um periódico que estava sendo enviado a Portugal para ser distribuído no país.

Segundo relatos de Margarida Hirschmann, quando foi presa em Milano pelo IV Corpo de Exército e cujo documento foi encaminhado à Chefia do Serviço de Polícia da FEB e traduzido:

Quando a mesma deixou o trabalho em Munique, voltou para casa dos pais na mesma cidade, os alemães chegaram e disseram que ela tinha que trabalhar ou em uma fábrica ou em um escritório, ela de preferiu trabalhar em um escritório. Foi enviada à estação de rádio em Stuttgart, onde os programas estavam sendo dirigidos para Portugal.⁶

Em dezembro de 1944, foi para a Itália com o objetivo de trabalhar em uma estação de rádio em Fino Monasco, perto de Como, local este onde irradiações estavam sendo feitas com a direção de agentes de propaganda alemã para soldados que falavam inglês e português que faziam frente aos alemães.

Margarida foi presa em 4 de junho de 1944 e levada a uma delegacia de polícia. Depois que havia sido presa, foi descoberto que ela havia feito irradiações e que era a principal pessoa do programa “Margarida Falando”. Novamente, em seu depoimento, Margarida disse que:

Tentou voltar três vezes ao Brasil, primeira vez em agosto de 1942. Ela disse que foi para Berlim e foi dito que havia dificuldades de troca. Também lhe foi dito que o Ministério das relações Exteriores Alemão tinha que aprovar e aparentemente não mostrou qualquer disposição para concordar. Novamente, um ano mais tarde, ela fez outra tentativa, e nessa ocasião o seu nome foi posto na lista, mas ela nunca foi chamada.⁷

Pelo que pode ser notado no depoimento acima, Margarida tinha o desejo de retornar ao Brasil, e os entraves burocráticos atrapalharam o intento da mesma. Ainda em seu depoimento, ela declara que seu pai não era nazista e que foi obrigado a trabalhar como sensor, fazendo censura em português e espanhol.

Embora tivesse apresentado documento do Serviço de Informações do IV Corpo, em cujo conteúdo declara que a mesma havia prestado informações úteis às Nações Aliadas, Margarida foi mandada sob escolta junto com um dos contingentes da FEB que retornavam ao Brasil. Aqui chegando, foi recolhida à prisão e processada por espionagem e por levantar armas contra o Brasil em guerra.

Margarida foi julgada pela Justiça Militar — 3ª Auditoria da 1ª Região Militar — e teve como advogado de defesa o Dr Evandro Lins e Silva. Neste processo, foi absolvida, mas a promotoria apelou do resultado, a pena foi revista e, nesse caso, recebeu a pena mínima de 20 anos; logo depois, os 20 anos foram transformados

em três anos e em seguida zerados.

Após todos estes acontecimentos, Margarida desapareceu, e não há relatos do que possa ter acontecido com ela. Os registros sobre sua história são muito esparsos.

Considerações finais

Em todas as fontes consultadas para a presente pesquisa, um fato foi sempre observado: a Segunda Guerra Mundial requereu muito esforço de seus participantes, sejam eles os militares ou os civis. Todos contribuíram para a paz mundial, o papel de todos foi importante para um objetivo final e cada um teve o seu objetivo. Ao analisarmos o papel dos correspondentes de guerra e principalmente o desempenho dessas duas mulheres, de um lado Sylvia Bitencourt e de outro Margarida Hirschmann, um antagonismo de propósitos, não julgaremos aqui o papel de Margarida, ou se estava certa ou errada. Apenas sabemos que a história ainda tem muito a contar e trazer luz sobre a história dessas duas mulheres, mulheres à frente de seu tempo, que passaram por muitos desafios, como foi o caso de muitas outras que desafiaram o mundo onde viviam e entraram no mundo dos homens como foram os casos de Martha Gellhorn, Mary Roberts Rhinehart, Peggy Hull, Clara Hollingworth, Dickey Chapelle, Lee Miller, Marguerite Higgins, que foram correspondentes de guerra em períodos diferentes de nossa história. Todas essas mulheres carregam um legado de luta e sofrimento na conquista de seus direitos, na expectativa de que suas vozes

fossem ouvidas e respeitadas, pois as mais extremas dificuldades foram a elas impostas, desde suas credenciais serem negadas por não haver banheiro compatível para mulheres em ambiente de combate ou outros motivos apresentados.

Há muito o que se pesquisar sobre a história dessas correspondentes, e nosso trabalho está longe de ser conclusivo, pois os meios que surgiram com esta pesquisa são os mais diversos e necessitam de tempo

para serem esclarecidos e buscados a fundo. Necessitam de uma exaustiva busca em arquivos de instituições da esfera pública e privada, nos arquivos da imprensa, nos arquivos do judiciário e também nos acervos particulares.

Deixamos aqui um desafio: a vida dessas duas jornalistas deve ser investigada e a sociedade necessita conhecer mais um pouco da história dessas importantes brasileiras. **REB**

Referências

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. **Coletânea de Orientações sobre Gestão de Arquivos de Organizações Militares**. Rio de Janeiro, 2011.

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. **Acervo da Força Expedicionária Brasileira – Fundo Guerras Externas**. Rio de Janeiro, 1946.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARQUIVO NACIONAL. **Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro, 2006.

COOK, T. **Arquivos pessoais e arquivos institucionais**: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.21, n 1, 1998. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=39>.

CRESPO FILHO, Jayme M. **Preservação e Difusão do Patrimônio Cultural do Exército Brasileiro**. Biblioteca do Exército: Rio de Janeiro, 2005.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

C-30-26 - **Manual de Campanha – Informações – Instrução para os Correspondentes de Guerra junto às Forças do Exército e Campanha – 1948**.

FM 30-26 – **Basic Field Manual – Regulations for Correspondents accompanying U. S. Army Forces in the Field”**.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

-
- ¹ Um semióforo só existe se for algo único. Semiófaro é algo cujo valor não é medido pela sua força material e sim por seu significado simbólico.
 - ² FM 30-26 - Manual Básico de Campanha – Regulamento para os correspondentes acreditados junto às Forças do Exército dos Estados Unidos em Campanha – 21 de janeiro de 1942.
 - ³ FM 30-26 - Manual Básico de Campanha – Regulamento para os correspondentes acreditados junto às Forças do Exército dos Estados Unidos em Campanha – 21 de janeiro de 1942.
 - ⁵ FM 30-26 - Manual Básico de Campanha – Regulamento para os correspondentes acreditados junto às Forças do Exército dos Estados Unidos em Campanha – 21 de janeiro de 1942.
 - ⁶ Fundado em 1938 por Godfrey Lowell Cabot, o prêmio é uma homenagem a sua esposa, Maria Moors Cabot. Desde então, já foram agraciadas mais de 260 pessoas, com um adicional de citações especiais para jornalistas de mais de 30 países das Américas. Entre os vencedores estão Mario Vargas Llosa (Peru); Alma Guillermoprieto (México), Carlos Fernando Chamorro (Nicarágua) e o âncora da Univision, Jorge Ramos.
 - ⁷ O Cabot é considerado o mais velho prêmio internacional de jornalismo. São agraciados os profissionais que cobriram o hemisfério oeste e, através de suas reportagens e trabalho editorial, procuraram melhorar o entendimento interamericano.(www.journalism.columbia.edu).
 - ⁸ Arquivo da Chefia de Polícia da FEB – Documentos de acusação contra Margarida Hirschmann Locutora Inimiga – Pasta 10 – Subpasta 4 – Caixeta 495 – Arquivo Histórico do Exército.
 - ⁹ Arquivo da Chefia de Polícia da FEB – Documentos de acusação contra Margarida Hirschmann Locutora Inimiga – Pasta 10 – Subpasta 4 – Caixeta 495 – Arquivo Histórico do Exército.